

# Comunicar: transmitir ou compartilhar?

O SIGNIFICADO DA PALAVRA comunicação tem gerado algumas confusões neste momento em que a interdisciplinaridade científica exige um mínimo grau de entendimento entre áreas muitas vezes distanciadas. Quando o diálogo entre ciências humanas e exatas torna-se necessário, um vocabulário comum é indispensável. O texto que segue tenta explicitar a distância que separa modelos de comunicação usados comumente pela comunidade científica; muitas vezes, de maneira equivocada, como se fossem a mesma coisa.

Não existe mensagem sem código, não é possível pensar em comunicar sem pressupor que o interlocutor seja capaz de primeiramente perceber e, em seguida, compreender ou inferir o que se quis dizer através de sistemas que funcionem igualmente (ou, como veremos mais adiante, quase igualmente) nos dois ou mais pólos do processo comunicativo, sem sistemas que garantam, em primeira instância, a *transmissão* clara de dados, em segunda, o entendimento comum, o *compartilhamento* de *sentido*. Por mais claros que cheguem os dados, *os sinais* – fala-se aqui de um código mecânico: o aparelho fonador articula sons, fonemas, e estes sons são percebidos pelo aparelho auditivo –, ainda não existe *sentido*. Para que haja significação, geração de *sentidos*, é necessária uma operação mais complexa. É preciso um alfabeto, uma língua, um contexto, um repertório cultural.

Sons, letras, sílabas, palavras, sentenças, entrelinhas (intenções, ironia, humor, sedução, etc.); a seqüência lógica e necessária no sentido da complexificação das mensagens nem sempre é compreendida assim. A partir da bipartição entre *senal* e *sentido*, é possível visualizar a comunicação segundo dois modelos diferentes e não excludentes, um matemático, dos *sinais*, outro complexo, dos *sentidos*. Um privilegia a *transmissão*, outro, o *compartilhamento* de informação.

Fernando Bohrer Schmitt

Mestrando em Comunicação - PUCRS  
Professor da FAMECOS/PUCRS

Propor a comparação entre conceitos de comunicação tão díspares como o que pretende que comunicar é *transmitir* sinais, dados e o que propõe o *compartilhamento* de idéias, sentidos, intenções, não significa necessariamente optar por um em oposição ao outro, mas exige que se entenda onde estes conceitos são aplicáveis, quicá desejáveis, e por que razões. Um bom paralelo é o da distância que separa a comunicação entre máquinas da comunicação entre seres humanos. Uma metáfora clara e atual é a Internet.

Seguindo por esse caminho, vemos que a idéia de comunicação como *transmissão*, derivada das teorias matemáticas de Shannon e Weaver, não dá conta do processo comunicativo humano em todas as suas nuances, mas é extremamente eficiente no que diz respeito à troca de informações entre máquinas. Levando às últimas conseqüências, o modelo de *transmissão* dá conta de um signo completamente arbitrário e descontextualizado, um signo ao qual se atribui um significado fixo e universal. Sendo assim, os códigos relacionados a este tipo de comunicação devem ser necessariamente fechados, estáveis, a-históricos - o sujeito é excluído do processo.

Nos dias de hoje, os protocolos de trocas de informação via Internet são os melhores exemplos deste tipo de código. Ou seja, códigos estabelecidos arbitrariamente e universalmente são a única maneira de fazer com que os computadores do mundo inteiro, independente de sistema operacional, nacionalidade, língua e cultura, comuniquem-se e troquem dados. É só através desse tipo de comunicação que se pode ter a certeza de que a mensagem - aqui entendida como *sinal* - chegará *ipsis literis* ao seu destinatário. Em última instância, a máquina realiza uma transmissão de sinal, não de sentido - pelo menos por enquanto. Mas é bom não esquecer que a transmissão de sinal é absolutamente necessária para o segundo estágio da comunicação, pois sem sinal, não há sentido.

Para que sejam entendidas e transmitidas entre os computadores, as mensagens

precisam ser reduzidas a uma linguagem ou código binário, digitalizadas em "zeros" e "uns", em bits, e para que sejam lidas e compreendidas pelo homem têm que ser retraduzidas em imagens, sons, sinais gráficos. Este é o domínio das interfaces entre homem e máquina. Mas sistemas binários ainda não são capazes de operar com a ambigüidade, com a ironia, com a incerteza, com a intenção, abundantes na comunicação entre seres humanos. Ou seja, o homem troca sinais com o computador e este último é capaz de repassá-los, reapplicá-los sem entendê-los, a outros computadores, não vai além disso. O computador não gera nem entende sentido, apenas sinal.

Para que as mensagens sejam compreendidas no seu sentido pelos computadores ainda falta muito. As pesquisas em inteligência artificial, malgrado os grandes esforços, ainda engatinham em termos de resultados. Afinal, como reduzir para uma lógica binária o princípio da incerteza? Talvez nem seja esta a pergunta a se colocar. Será possível traduzir o grau de complexidade das linguagens humanas aos padrões lógico-matemáticos usados pelas máquinas, ou, de outro lado, serão as máquinas capazes de se complexificar ao ponto de operar com as linguagens do homem? Serão as máquinas capazes de perceber o mundo da mesma maneira que o corpo humano? E se chegarem a este ponto, não serão humanas também? Ridley Scott, no filme *Blade Runner*, trata este tema com uma sensibilidade acurada, assim como Stanley Kubrick em *2001, uma Odisseia no Espaço*.

Qual o caminho a seguir na pesquisa da interação mais efetiva entre homem e máquina? O que vai na direção de reduzir a comunicação humana à lógica binária dos bits, ou o que toma a direção de tornar mais complexa e completa a lógica das máquinas, ou quem sabe uma conjugação de ambos? O problema parece consistir na maneira como os computadores vão operar com o princípio da incerteza, na medida que foram concebidos dentro de um paradigma de ciência, onde as reações emotivas, as sensações corporais, as experiências individuais adquiridas, o incerto,

são indesejáveis.

Mas conviver com a incerteza, com o corpo, com a subjetividade, é inevitável, principalmente quando se trata de comunicação humana. Quantas vezes acontecem interpretações diferentes daquela proposta pelo autor de um texto? Quantas vezes não é possível compreender inteiramente uma mensagem por não se conhecer, por exemplo, um vocábulo? Quantas vezes encontram-se textos ambíguos, que podem querer dizer uma coisa e outra ao mesmo tempo? Quantas vezes um gesto, como o que quer dizer "OK" para os norte-americanos, pode ser mal interpretado em outra cultura?

Ao comunicar-se, o homem, além de lidar com códigos fechados e estáveis, usa códigos abertos, vivos, flutuantes, em constante mutação; códigos que não precisam - nem podem - ser dominados em sua totalidade para que haja comunicação. Além disso, o homem está constantemente inferindo sentidos do contexto, das múltiplas informações disponíveis quando da enunciação de uma mensagem. Sempre que algo é dito, é dito por alguém, em algum lugar, a um dado tempo, com uma entonação de voz, com uma expressão facial, etc. As enunciações de uma determinada sentença são infinitas.

A língua é um excelente exemplo de código aberto. Um idioma está sempre sendo acrescido de novas palavras, muitas são aposentadas, outras ganham novos sentidos. Não é possível estar a par de todas estas mudanças, que o digam filólogos e dicionaristas. Ao mesmo tempo, uma palavra pode ter mais de um significado e pode significar em diferentes níveis. A palavra "casa" pode referir-se a um tipo de construção onde as pessoas moram, ou a um pedaço de um tabuleiro de xadrez, ou a uma abertura num tecido onde se encaixa um botão, ou tantas outras, dependendo do contexto. Mas "casa", significando moradia, pode ter significados de segundo nível, conotações. Para uma criança que é espancada freqüentemente em seu lar, "casa" pode assumir um significado segundo, emocional, de medo e ódio. Ou seja, o universo dos sentidos é múltiplo, a

significação se dá em vários níveis, as mensagens tornam-se complexas.

Isso que, até agora, falamos apenas de signos isolados e relativamente arbitrários, como as palavras. Mas se quisermos trabalhar com mensagens compostas de muitos signos ou de signos abertos e polissêmicos, como as imagens, é preciso escapar ao modelo de comunicação como transmissão. Voltando à metáfora da Internet, é possível transmitir uma imagem entre duas máquinas e ela será exatamente igual nas duas, mas o sentido depende de quem está frente à máquina lendo a imagem.

O sentido não é dado pela mensagem, mas construído na interação entre leitor, mensagem e autor. O leitor lê/constrói o sentido a partir de suas referências individuais, de suas características psicológicas, de seu corpo. O homem frente à máquina, o emissor/receptor, está em constante mutação, em todos os sentidos. Ele cresce, envelhece, aprende, sente, adquire experiências o tempo inteiro. Ou seja, não é possível falar de leituras naturais, universais. O sentido é individual. Mas não se deve, bem entendido, perder de vista que alguma coisa em comum deve permanecer, ou não haverá comunicação. Daí a noção de código, um sistema que funcione nos dois pólos da comunicação. O homem, com todos os seus condicionamentos culturais, suas idiossincrasias e o domínio, parcial ou não, de determinados códigos é o mediador do sentido comum possível.

Um modelo de comunicação que dê conta dos compartilhamentos de sentido possíveis numa relação comunicativa estará sempre baseado na noção de feedback, na noção necessariamente dialógica de que é possível um retorno em busca de ajustes e esclarecimentos. "Na comunicação pessoa a pessoa, face a face, o emissor e o receptor podem ir ajustando, passo a passo, as diferenças de níveis entre os códigos culturais e os repertórios de signos que são ou não compartilhados. Esse ajustamento tende a aumentar o grau de controle sobre a informação que é transmitida no ato comunicativo". Ainda assim, "muita informação não

controlada e não intencionada pode chegar aos receptores à revelia do emissor." (SANTAELLA, 1992, p. 16) Até porque, muito do que é comunicado não está na mensagem, mas no que não foi representado, nos vazios, espaços em branco, ausências, omissões, censuras.

Em sociedade, o homem lida com vários códigos simultaneamente, códigos fechados e estáveis, códigos abertos e em constante evolução, partilhados universalmente ou apenas em pequenos grupos, partilhados em sua totalidade ou apenas parcialmente, em maior ou menor grau. E, sendo assim, a mediação de sentidos exige diálogo, um processo que procura otimizar o compartilhamento.

Hoje em dia, uma das principais preocupações frente às novas tecnologias da informação diz respeito aos conteúdos e às possibilidades de melhorar o processo de compartilhamento dos sentidos. Se antigamente a humanidade tinha problemas para preservar e transmitir o conhecimento acumulado - daí o surgimento da linguagem verbal, da escrita, do livro, etc. -, o homem de hoje, diante das infinitas possibilidades de dizer alguma coisa, se preocupa com o que dizer e com a maneira de dizê-lo mais eficazmente. O desejo de comunicar globalmente não pode implicar em banalizar as mensagens até o ponto em que todos possam compreendê-las univocamente. Se o que é dito é tão banal assim, não há por que dizê-lo. A complexidade que exige diálogo parece bem mais produtiva, ao mesmo tempo aproxima as pessoas e permite ampliar o conhecimento.

Concluindo, o modelo de comunicação como transmissão funciona e é necessário em se falando de máquinas, quando o que se transmite é sinal, quando se lida com códigos fechados e signos arbitrários. Não é desejável que as mensagens postadas no correio eletrônico percam-se no ciberespaço porque um computador não entendeu direito o que o outro queria dizer. Ao passo que o modelo de compartilhamento dá conta melhor da incerteza, da complexidade dos sentidos na

comunicação entre seres humanos, pois exige o feedback como fator de ajustamento da comunicação, torna necessário o diálogo, a troca para que se chegue ao entendimento. A comunicação assume seu aspecto relacional, seu lado verdadeiramente humano ■

## Referências

- CAUDURO, Flávio Vinicius. *Linguagem & Comunicação Gráfica*. Texto-guia da disciplina "Retórica e Comunicação Gráfica" ministrada no Mestrado em Comunicação da PUCRS. Porto Alegre, 1996.
- ECO, Umberto. *Obra Aberta*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1991.
- SANTAELLA, Lúcia. *A Cultura das Mídias*. São Paulo: Razão Social, 1992.
- SCHMITT, Fernando B. 'A Fotografia e seus Textos: nos limites do discurso possível'. Monografia de conclusão do curso de jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Porto Alegre, 1993.